

# Editorial

Sérgio Niza

Escolhi três sérios sinais do tempo, na Educação Escolar, manifestados em torno da capital do país. Amanhã poderá vir a ser um pouco por toda a parte, se assim o quisermos.

Primeiro sinal: os professores de uma escola da Trafaria assumiram colectivamente fazer *lock-out* ao funcionamento da escola, por dois dias seguidos, imediatamente antes de um fim de semana prolongado. Disseram os dirigentes da escola que encerravam como protesto à violência dos alunos e para reflexão. Perante um gesto a que quiseram imprimir mediática espectacularidade, e a que chamaram erroneamente greve, parece estranho que não nos tenham informado, posteriormente, das conclusões a que terão chegado. E alguém poderá acreditar que, tendo os nossos colegas querido transformar as suas vidas profissionais num acontecimento mediático, de escola fechada, nesse estado de desencontro, viriam eles a descobrir uma porta aberta para a autoridade perdida? O respeito só se constrói *no encontro!*

Segundo sinal: há muitos dias já, os telespectadores que assistiam a um debate sobre o estado das escolas em que participava a Secretária de Estado da Educação, terão ficado, tal como eu, indignados com uma reportagem onde se mostravam algumas das escolas que o Ministério da Educação designara de escolas de referência, agora exibindo câmaras de vídeo direccionadas para os pátios de recreio para que os dirigentes pudessem espreitar as

vidas dos alunos durante as pausas do trabalho escolar.

Vigiam para esconjurar a violência. Parecem querer convencer-nos das suas turvadas razões, enquanto, distraidamente, assustam os nossos fantasmas acampados em «campos de concentração» vigiados por perversos déspotas. Sobre esses postos de espreita, Foucault ensinou-nos tudo, na inesquecível obra sobre *Vigiar e Punir*.

Quando se semeia o medo, desperta-se a violência. Com acções de polícias, suspende-se a «demopedia», a educação das crianças para a democracia.

Terceiro sinal: em bastantes escolas e em lugares diversos, os professores têm exigido a presença permanente de polícias para regular os comportamentos descomandados de alguns alunos, sobretudo em espaços de recreio. O Ministério criou um gabinete de segurança e vem correspondendo, com diligência cândida, aos apelos das escolas. Os polícias passam então a policiar a educação escolar. O poder de polícia torna-se autoridade.

Os professores, por seu turno, desautorizados, por vontade própria, sentem-se desmuniados da força para formar. Venderam a alma, com que educavam, aos profissionais de polícia. Desmoronaram a profissão.

Três sinais sérios. Cada um de nós saberá de mais três. É preciso falarmos já de tais sinais. Para que queremos afinal a profissão e a escola?